



ISSN: 2230-9926

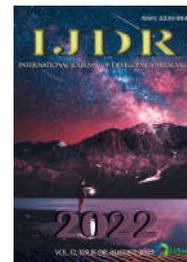
Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 12, Issue, 08, pp. 58065-58070, August, 2022

<https://doi.org/10.37118/ijdr.24999.08.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

PESQUISAS ETNOGRÁFICAS EM EDUCAÇÃO: BREVES CONSIDERAÇÕES

¹Roberto Remígio Florêncio, ²Geovane Duarte Borges, ³Marcleide Sá Miranda Oliveira and ⁴Ana Maria de Amorim Viana

¹Doutor em Educação (PPGE/FACED) – Universidade Federal da Bahia-UFBA; Professor de Língua Portuguesa – IF Sertão Pernambucano; ²Licenciado em Matemática (Universidade Estadual da Paraíba-UEPB) e Mestre em Matemática (Universidade Federal da Paraíba-UFPB); Professor da Universidade do Estado da Bahia; ³Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação (Universidade do Estado da Bahia-UNEB); Mestra em Gestão e Avaliação em Educação Pública (Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF); ⁴Doutoranda em Letras (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN); Professora de Língua Portuguesa do IF Sertão Pernambucano

ARTICLE INFO

Article History:

Received 08th June, 2022
Received in revised form
14th June, 2022
Accepted 20th July, 2022
Published online 17th August, 2022

Key Words:

Métodos de Pesquisa; Subjetividade Crítica.
Netnografia.

*Corresponding author:

Roberto Remígio Florêncio

ABSTRACT

A Etnografia é uma metodologia, sobretudo da Antropologia, em que o principal foco é o estudo da cultura e do comportamento de grupos sociais específicos. Os estudos etnográficos são procedimentos empíricos de pesquisa para descrever, analisar e interpretar padrões de comportamento que se desenvolvem com o tempo. É regida quando o estudo de um grupo fornece compreensão de uma questão mais ampla ou quando existe um grupo de compartilhamento de cultura para estudar. Os etnógrafos apresentam a descrição, os temas e a interpretação dentro do contexto ou definição do grupo de partilha cultural. O contexto para uma etnografia é o cenário, a situação ou ambiente que envolve o grupo em estudo. As abordagens qualitativas de pesquisa se fundamentam numa perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformados. Apresentamos ainda os principais mecanismos do trabalho etnográfico, suas variações epistemológicas e as novas tecnologias dessa abordagem que, apesar do caráter subjetivo, exige um grande rigor científico.

Copyright © 2022, Roberto Remígio Florêncio et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Roberto Remígio Florêncio, Geovane Duarte Borges, Marcleide Sá Miranda Oliveira and Ana Maria de Amorim Viana. 2022. "Pesquisas etnográficas em educação: Breves considerações", *International Journal of Development Research*, 12, (08), 58065-58070.

INTRODUCTION

A pesquisa etnográfica é fruto dos estudos antropológicos e, nos últimos anos, tem se desenvolvido sobremaneira na área de educação. Trata-se de um estudo em que o pesquisador tem a obrigatoriedade de passar um tempo considerável "no campo", observando e reunindo documentos sobre o grupo para entender seus comportamentos, crenças, linguagens, compartilhamento de cultura e nuances perceptíveis apenas a partir da convivência (FLORÊNCIO, SANTOS, OLIVEIRA, 2019). Estes grupos, denominados de compartilhamento de cultura, podem ser diversos: famílias salas de aula ou étnicos. Podem ser ainda representativos ou ilustrativos. Segundo Creswell (2009), o pesquisador pode ser um participante do grupo ou simplesmente um observador, devendo desenvolver descrições densas, narrativas, autobiografia, entrevistar pessoas, coletar cartas e documentos, além de desenvolver uma observação apurada, as quais são fundamentais para estabelecer o registro do grupo.

Etno vem do grego e significa povo, pessoas. Levá-la ao um campo lexical mais amplo e perceber o teor da palavra cultura, não seria matéria difícil. Portanto, o estudo de uma cultura, de um povo ou de um sistema de signos, através de uma observação profunda, adentrada e cotidiana, muitas vezes, até radical, seria o grande diferencial na pesquisa etnográfica (MACEDO, 2012, p. 40). A etnografia, como ciência surgiu da necessidade da construção do conhecimento juntos, *in loco*, não perdendo o foco principal: a voz do ator social, enquanto *corpus* empírico do estudo-processo, analisando a própria composição do estudo, pois, aqui, a linguagem assume fundamental papel de constituidora do fazer científico: fomentadora de todo o processo de pesquisa. A partir da década de 1950, e com ênfase na década de 1980, a pesquisa qualitativa em educação com o viés etnográfico, cristalizou-se como desenvolvimento de pesquisas na área interdisciplinar da antropologia educacional (BICUDO; ESPOSITO, 1994). Em relação à ontologia, o etnógrafo não é um mero "repórter", objetivo e onisciente sobre os indivíduos estudados. Em vez disso,

Denzin (1989) defende que o pesquisador é apenas uma voz entre muitas pessoas – indivíduos como o leitor, os participantes e os porteiros – que precisam ser ouvidos. Assim, pode-se classificar a pesquisa etnográfica em diversas categorias, não perfeitamente isoladas, tais como a realista, a crítica, o estudo de caso etc. Aqui, abordaremos os tipos de pesquisa etnográfica, entre as quais se destacam a etnografia reflexiva e a crítica (DENZIN, 1989), os instrumentos de construção dos dados (MACEDO, 2009; ANDRÉ, 2002), a etnografia virtual, apresentada pelos estudos de Guimarães e Alonso (2017), é aqui denominada *etnografia*. A base teórica da pesquisa será norteadas pelos estudos de etnografia desenvolvidos por Macedo (2012), quando diz: “*A etnopesquisa pode acontecer a partir de uma proposição do que ela não é, como na dualidade sujeito-objeto, por exemplo*” (2012, p. 48). No entanto, o objeto de pesquisa e o seu sujeito devem estar lado a lado, pois pressupõe o estar na pesquisa, adentrando limites do objeto e fazendo-o também sujeito no processo de buscas. Para Geertz,

Praticar etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar informantes transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário o que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa” (1978, p. 15).

Segundo André (2002), é certamente a abordagem que mais tem se proliferado em pesquisas de desenvolvimento, avaliação e monitoramento de projetos na área de políticas públicas e sociais – saúde, educação, linguagem, meio ambiente, artes –, e da mesma maneira em áreas privadas relacionadas à cultura corporativa e à gestão do conhecimento. A pesquisa etnográfica tende a ter a sua força expressiva baseada na compreensão dos diversos tipos e gêneros textuais, levando-se em consideração o seu contexto de uso, segundo Florêncio (2019), Vosgerau e Romanwski (2014), Gil (2002) e Demo (1985). O texto não-verbal, por exemplo, opera com resíduos de múltiplas linguagens, mas sua leitura aprende-se também com a leitura verbal e com a necessidade de operar logicamente diante das realidades propostas. O mais assertivo é a consonância da etnografia, quando afirma que, consensualmente, o texto não-verbal pressupõe uma recepção que consegue ultrapassar os limites da alfabetização verbal para crer na sua possibilidade de ver, diante de fragmentos informais: um texto que não é outra coisa senão o reflexo de outros textos, inclusive verbais, já armazenados na memória e veiculados pelos sentidos (BAKHTIN, 2003).

Pesquisa Etnográfica: A arte de procurar ao lado: Um ponto importante a se destacar no estudo etnográfico é o fato de a pesquisa estar alicerçada no próprio estudo, distanciando-se da hermenêutica fenomenológica e produtora de conhecimentos científicos mais técnicos, com hipóteses e objetivos pré-estabelecidos imutáveis e até frios (CRESWEL, 2009; 2012). Por isso, a etnopesquisa pode acontecer a partir de uma proposição do que ela não é, como na dualidade sujeito-objeto, por exemplo. Utilizando-se da retórica de Macedo (2009), poder-se-ia utilizar a metáfora de afirmar que a etnografia se baseia em um “interpretacionismo a-científico”. No âmbito da educação, os estudos etnográficos, por exemplo, são mensagens à procura de significados que se atualizam em uso e no cotidiano e enumeram uma série de razões que irão justificar a pesquisa-ação nos meios educacionais: os professores não aceitam mais um pesquisador do tipo consultor, vindo de fora do contexto escolar, de um mundo exterior; os atores pedagógicos estão cada vez mais conscientes da inutilidade socioeducacional de pesquisas em educação distanciadas das verdadeiras necessidades do processo educacional, no qual o pesquisador assume dentro dos meios educacionais uma simples postura de observador; a ausência da pesquisa-formação na área educacional. Portanto, a etnopesquisa-formação, como cultivo das práticas, será um trabalho interno da prática, segundo André (2002 2013). Conseqüentemente, o conhecimento adquirido está constantemente em relação com a prática estudada na ação; nesse sentido, o conhecimento é um processo cooperativo ou coletivo de reconstrução interna de um grupo de pesquisadores-atores no processo e no contexto escolar. Isso corrobora com o conceito anteriormente apresentado da pesquisa

etnográfica ter como objeto de estudo o conceito de sujeito ativo nesse próprio estudo. É preciso estar impregnado da pesquisa, familiarizado ao extremo, pois o campo de pesquisa transforma-se facilmente em objeto de estudo e os sujeitos pesquisadores passam a ser também pesquisados. A pesquisa etnográfica apresenta e traduz a prática da observação, da descrição e da análise das dinâmicas interativas e comunicativas como uma das mais relevantes técnicas. E, ao contrário das ciências de laboratório – Psicologia, Biologia, Química, Física –, de onde resulta a inspiração quantitativa, a etnografia ganhou força e presença efetiva inspirando a abordagem qualitativa da pesquisa em ambientes onde prevalecem os relacionamentos sociais. No mais, a etnopesquisa não se diferencia tanto de uma pesquisa tradicional quanto a sua pertinência no âmbito da educação em geral: é necessário saber que a educação enquanto prática social exige um estudo constante da práxis escolar. Então, se a ciência é uma construção da sociedade, uma construção humana e racional, com objetivos específicos de resolução e/ou aprofundamento de questões também humanas e racionais, é imprescindível responder ao questionamento básico de um estudo acadêmico: qual a pertinência sociocultural deste estudo para a prática educativa? Qual o meu envolvimento ético e moral com o desenvolvimento desse estudo?

A ciência produzida hoje pretende estreitar os laços entre a hermenêutica e a fenomenologia, dando espaço para as observações empíricas dos fenômenos e produzindo interpretações e análises mais consistentes e ampliadas. O pesquisador é que deve ter o conhecimento e a sensibilidade para observar/conhecer os fenômenos e desenvolver a análise, próximo o suficiente para compreender os detalhes e os desdobramentos, mas distante o suficiente para não fazer parte dele, não interferir, não o modificar. Segundo Macedo (2009; 2012), a ciência é feita para servir a humanidade e não ao contrário, mas a ciência deve importar-se a um relativo distanciamento. Então, se a ciência é uma construção da sociedade, uma construção humana e racional, com objetivos específicos de resolução e/ou aprofundamento de questões também humanas e racionais, é imprescindível que busque responder ao questionamento básico de um estudo acadêmico: qual a pertinência sociocultural desse estudo para a prática educativa? E, se o pesquisador é o meio pelo qual se torna possível uma análise confiável do fenômeno, é preciso ter assegurado qual o seu envolvimento ético e moral com o desenvolvimento desse estudo. A este instrumento primordial, chamaremos de Pesquisa Etnográfica. A Etnografia pertence a uma determinada tradição de investigações na produção de materiais para servir de base e/ou análise que, simultaneamente, tem sido ferramenta técnica e metodológica (ANDRÉ, 2013; MACEDO, 2012; FLICK, 2009). É, certamente, a abordagem que mais tem se proliferado em pesquisas de desenvolvimento, avaliação e monitoramento de projetos na área de políticas públicas e sociais – saúde, educação, linguagem, meio ambiente, artes –, e da mesma maneira em áreas relacionadas à cultura corporativa e à gestão do conhecimento.

Etnografia Realista: A Etnografia Realista reflete uma postura particular tomada pelo pesquisador: é uma explicação objetiva da situação, um relato objetivo de informações aprendidas com os participantes no local de campo. Geralmente, escrito em 3ª pessoa, o etnógrafo não oferece reflexões pessoais, apenas relata dados objetivos em um estilo medido, não contaminado por preconceitos, suposições, objetivos políticos ou julgamentos. O pesquisador produz as visões dos participantes por meio de citações estreitamente editadas e tem a palavra final sobre a interpretação e apresentação da cultura.

Etnografia Crítica: Na Etnografia Crítica, as lutas sociais passam a fazer parte da análise etnográfica nas pesquisas educacionais. Com raízes no pensamento alemão da década de 1920, os problemas históricos de dominação, alienação e empoderamento vêm à baila no contexto das análises. A etnografia agora incorpora uma abordagem “crítica”, para incluir uma perspectiva de advocacia ou militância, passam a ser um tipo de pesquisa em que o autor está interessado em defender a emancipação de grupos marginalizados em nossa sociedade (CRESWEL, 2012). Etnógrafos críticos são indivíduos politizados que buscam, através de seus estudos, enfrentar a

desigualdade e a dominação, exercendo ações como: denúncias de desigualdade e repressão, desenvolvimento de pesquisas que conduzam à não marginalização dos indivíduos, luta contra a opressão dos povos e posicionamento crítico (não neutralidade) na defesa de mudanças necessárias para transformar a sociedade.

Etnografia Reflexiva: Segundo Denzin (1989), o pesquisador etnográfico deve ser consciente sobre sua interpretação, reconhecendo que essas interpretações refletem a própria história e cultura. Interpretações podem ser são apenas provisórias. Devem se posicionarem nos textos como seres reflexivos e autoconscientes de seu papel. Isso significa identificar vieses e valores, reconhecer pontos de vista e distinguir entre representações textuais pelo autor, pelos participantes e pelo leitor. O etnógrafo não é mais um *observador-objetivo*, como na abordagem realista e o relatório etnográfico crítico, um método complexo de abordagem à investigação, cheio de contradições, tensões e *inconclusões* (DENZIN, 1999).

Estudo de Caso : Estudos de caso são corriqueiramente e há muitos anos utilizados em pesquisas científicas de diversas áreas, como Sociologia, Antropologia, Medicina e Direito, no entanto, na área de educação, apenas nas décadas de 1960 e 70, passou-se a fazer estudos descritivos sobre uma escola ou um grupo de alunos (ANDRÉ, 2013). O estudo de caso agrupa-se às pesquisas qualitativas, de caráter etnográfico, em que, antes de uma opção metodológica, é uma escolha pelo objeto. Os estudos de caso são utilizados na pesquisa educacional para descrever e analisar uma unidade escolar, sala, professor etc, considerando suas múltiplas dimensões. O objetivo principal é focalizar um fenômeno particular, levando em conta seu contexto, segundo André (2013). Três pressupostos básicos devem ser levados em conta: 1) o conhecimento está em constante processo de construção, o que pressupõe uma atitude flexível do investigador no sentido de que aspectos novos e relevantes podem surgir no decorrer do trabalho; 2) o caso envolve uma multiplicidade de dimensões, o que requer do pesquisador uma gama de informações que busquem contemplar as múltiplas dimensões do fenômeno, evitando interpretações unilaterais; e 3) a realidade pode ser compreendida sob diversas óticas, o que exige do pesquisador uma postura ética para fornecer ao leitor as evidências que usou para fazer as suas análises, ou seja, uma descrição acurada dos procedimentos.

O Estudo de caso é um tipo importante de etnografia, embora apresente algumas diferenças da mesma. Pesquisadores de estudo de caso podem se concentrar em um programa ou atividade envolvendo indivíduos em vez de um grupo. O estudo de caso contribui para compreendermos melhor os fenômenos individuais, os processos organizacionais e políticos da sociedade. Um estudo de caso é uma exploração detalhada de um sistema limitado. De acordo com Amado e Ferreira (2013), os tipos de casos que os pesquisadores qualitativos estudam podem ser:

Um único indivíduo, vários indivíduos separadamente ou em grupo, um programa, eventos ou atividades.

Pode representar um processo que consiste em uma série de etapas que formam uma sequência de atividades.

Pode ser selecionado para estudo porque é incomum e tem mérito em si. Quando o caso em si é de interesse, ele é chamado de caso intrínseco.

O pesquisador procura desenvolver uma compreensão profunda do caso coletando várias formas de dado.

O pesquisador também localiza o “caso” ou “casos” dentro de seu contexto maior, como cenários geográficos, políticos, sociais ou econômicos. É uma investigação que trata sobre uma situação específica, procurando encontrar as características e o que há de essencial nela. Marli André (2013) destaca três pressupostos básicos que devem ser levados em conta ao se optar pelo uso do estudo de caso qualitativo: 1) o conhecimento está em constante processo de construção; 2) o caso envolve uma multiplicidade de dimensões; e 3) a realidade pode ser compreendida sob diversas óticas. O primeiro pressuposto implica uma atitude aberta e flexível por parte do

pesquisador, o segundo requer que o pesquisador procure utilizar uma variedade e fontes de dados, de métodos de coleta, de instrumentos e procedimentos e o terceiro exige uma postura ética do pesquisador, que deve fornecer ao leitor as evidências que utilizou para fazer suas análises.

Mecanismos de Trabalho da Etnopesquisa: Esse instrumento primordial que denominamos Pesquisa Etnográfica ou Etnografia pertence a uma determinada tradição de investigações na produção de materiais para servir de base e/ou análise que, simultaneamente, tem sido ferramenta técnica e metodológica. É, certamente, a abordagem que mais tem se proliferado em pesquisas de desenvolvimento, implementação, avaliação e monitoramento de projetos na área de políticas públicas e sociais (saúde, educação, linguagem, meio ambiente, artes), e da mesma maneira em áreas privadas relacionadas à cultura corporativa e à gestão do conhecimento.

Os principais instrumentos de coletas de dados na etnografia: Baseando-nos em Macedo (2009), os métodos e técnicas para o recolhimento de informações (coleta de dados ou construção de dados) mais comuns às pesquisas etnográficas são subdivididos em três grupos, formados por:

- a) *material oral, escrito e visual coletado a partir de entrevistas abertas e semiestruturadas;*
- b) *narrativa pessoal da pesquisa produzida através do diário de bordo ou diário de pesquisa, onde constam aspectos percebidos na observação participante durante as visitas à comunidade, às escolas, às secretarias de educação e também durante os momentos de descobertas através de entrevistas e leituras;*
- c) *produção de acervo fotográfico durante o processo de recolhimento de material utilizado pela comunidade na prática educativa desenvolvida nas escolas em consonância com a prática cultural da comunidade, tanto através de documentos oficiais, escritos, quanto nos produtos ali produzidos para as diversas finalidades de manutenção social. No entanto, o recolhimento de material não ocorre necessariamente físico, mas na produção de registros fotográficos, audiovisuais e reprodução de documentos oficiais e extraoficiais.*

Com o desenvolvimento de modernas técnicas para a pesquisa qualitativa – grupos focais, entrevistas, observações, descrições, análise de linguagem – a etnografia tem, nos últimos tempos e a partir de novos objetos tecnológicos, inclusive, adquirido considerável avanço devido às constantes possibilidades de aplicação desta metodologia dentro e fora do ambiente acadêmico. As fotografias, filmes e filmagens estão sendo cada vez mais utilizadas como fonte de dados nas pesquisas. As câmeras permitem registros detalhados de fatos, permitem o transporte de artefatos e a apresentação destes como retrato. Podem captar fatos os processos que sejam muito rápidos, além da permanência da fotografia para uma análise posterior. Para esse tipo de registro, o ideal é que o pesquisador (fotógrafo) utilize sua câmera de uma forma que não atraia tanto a atenção dos fotografados, para que não haja a perda da neutralidade. A análise de filmes como instrumento de pesquisa implica realizar duas etapas importantes: Leitura realista e leitura subversiva, ou seja, primeiro descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos descritos, ou seja, interpretar. Denzin (1989 p. 241-242) sugere quatro etapas importantes para a análise desses filmes, são elas: 1- Assistir e sentir; 2- Qual a questão de pesquisa que se impõem? Formulam-se as perguntas que devem ser buscadas no material; 3- Produzem-se microanálise estruturadas de cenas e sequências individuais; e 4- Ao responder à questão da pesquisa, buscam-se padrões em todo filme.

A utilização de filmes como dados gera problemas de seleção e interpretação (Quais filmes/cenas serão analisados? Ao que devo me ater mais?). As análises de filmes são, geralmente, utilizadas como um acréscimo ou parte de outro métodos que visam a análise de dados verbais. A pesquisa com a utilização de vídeo, não consistem apenas

em analisar o material em vídeo, mas também a forma como esse corpus é produzido. Uma análise de vídeo amplia a capacidade de outras abordagens onde além da observação, permitem uma captura de uma maior quantidade de aspectos e de detalhes. A utilização de documentos como dados deve-se levar em conta duas distinções: podem-se usar documentos solicitados para a pesquisa ou podem-se utilizar documentos não solicitados. Os documentos podem estar em forma de textos ou por meio eletrônico. Ao se optar pela análise de documentos em um estudo, deve-se sempre os ver como forma de comunicação. O pesquisador deverá perguntar se acerca de quem produziu esse documento, com que objetivo e para quem? Para se avaliar a propriedade dos documentos, Amado e Ferreira (2013) sugerem quatro critérios: autenticidade, credibilidade, representatividade e significação. Os documentos devem ser vistos como uma forma de contextualização, seus conteúdos devem ser analisados por meio de questionamentos sobre a que se refere. Analisar um documento é, muitas vezes, uma forma de utilizar métodos não intrusivos e dados produzidos com finalidade prática no campo de estudo.

Abordagem Metodológica e Instrumentos de Coleta e Construção de dados:

A metodologia de recolhimento de dados a ser empregada, assim como em todo o estudo, terá abordagem etnográfica, quando deverão ser utilizados três instrumentos para essa coleta e/ou construção de informações: entrevistas, abertas e não estruturadas, com pessoas da comunidade sobre os aspectos significativos da cultura local, incluindo as entrevistas multifocais; o diário de pesquisa ou diário de bordo, onde constarão as visitas ao local e os aspectos percebidos pela observação participante; e o recolhimento de material utilizado pela comunidade nas suas práticas socioculturais, tanto em documentos oficiais, escritos, quanto nos produtos ali produzidos para as diversas finalidades de manutenção social: textos produzidos pelos estudantes, material didático desenvolvido pela comunidade etc. Nas pesquisas etnográficas, o principal instrumento de recolhimento de material é, sem dúvida, o olhar atento do pesquisador. Quando Macedo (2012) diz que fazer pesquisa etnográfica é estudar o seu redor, é muito comum confundir o seu campo de estudo com o seu próprio campo de vida. Por isso, o recolhimento e a catalogação do material recolhido (seja através de imagens, gravações, vídeos, áudios ou fotocópia) são imprescindíveis para estabelecer os parâmetros de comparação e análise da realidade do outro.

Os materiais oficiais e extraoficiais que podem ser recolhidos também têm uma tênue diferenciação. Uma carta pessoal, por exemplo, pode estar nos dois campos: oficial, por seu caráter epistolar e linguagem escrita; ou extraoficial, pelo seu teor particular, individual e privado. Portanto, serão recolhidos e produzidos materiais de diversas naturezas e de difícil catalogação, como textos oficiais (ofícios, leis, contratos), fotografias, gravações em áudio e/ou vídeo, material de produção cultural (artesanato, utensílios). Os gêneros textuais narrativos sempre fizeram parte da vida dos seres humanos. É possível dizer que a história da evolução das ciências e da própria evolução humana se deu/se dá através das narrações, sejam escritas em compêndios teóricos, nos anais informativos ou nas conversas informais, classificadas como oralidade humana. Em projetos de pesquisas narrativas, os investigadores descrevem/contam vidas, impressões, subjetividades. Enquanto estudo qualitativo, podem se concentrar na vida de uma única pessoa, segundo Creswell (2012). Mas, isso não retira o rigor necessário ao conhecimento e relatos científicos, pois têm como objetivo e métodos a recolha de histórias, relatos de experiências individuais e interação discursiva sobre os significados dessas experiências com o próprio indivíduo.

Segundo Creswell (2012), para a realização das pesquisas narrativas, é necessário encontrar pessoas dispostas a contar suas histórias.

Em estudos recentes, os pesquisadores estabelecem um vínculo estreito com os participantes. Isso pode ajudar reduzir uma percepção comum dos profissionais no campo que a pesquisa é distinta da prática e tem pouca aplicação direta. Além disso, para os participantes de um estudo, compartilhar suas histórias pode fazê-los sentir que suas histórias são importantes e que são

ouviu. Quando eles contam uma história, isso ajuda a entender os tópicos que precisam processar. Contar histórias é uma parte natural da vida, e todos os indivíduos têm histórias sobre suas experiências para contar aos outros. Desta forma, a pesquisa narrativa captura todos os dias, forma normal de dados que é familiar aos indivíduos (CRESWELL, 2012, p. 503).

O autor disponibiliza um eficiente quadro de classificação dos tipos de estudos narrativos, apresentados como exemplos de Tipos de Formulários de Pesquisa Narrativa, baseados em Casey (1995/1996), entre eles estão: Autobiografias; Biografias; Escrita da vida; Narrativas pessoais; Documentos pessoais; Etno-histórias; Etnobiografias; Etnografias centradas na pessoa; Memórias Populares; e Entrevistas.

Tipos de entrevista: Nos estudos científicos em educação, várias tendências das pesquisas narrativas estão em pleno desenvolvimento na atualidade. Entre elas, os mais diversos tipos de entrevistas. Segundo André (2013), a entrevista é um dos mais importantes instrumentos de compreensão dos seres humanos nas pesquisas científicas nas mais diversas áreas. Segundo os autores, trata-se de um meio de transferência de informações, com interferências intencionais, abastado de nuances subjetivas e preciosas. Atualmente, são inúmeros os tipos, as formas e os fins a que se destinam as entrevistas. Cara a cara (entre as vistas) ou valendo-se dos mais avançados meios de comunicação, as entrevistas apresentam diversas estruturas, entre as quais: estruturada (ou direta; sem grande flexibilidade, obedece um roteiro objetivado pelo investigador); semiestruturada (ou semidiretiva; modelo mais utilizado nas pesquisas qualitativas, trata-se de um roteiro previamente planejado pelo investigador, mas que é flexibilizado pelo percurso discursivo do entrevistado); não estruturada (ou não-diretiva; quando as questões são apresentadas a partir da interação entre investigador e entrevistado, sem partir de nenhum enquadramento teórico previamente estabelecido); informal (ou conversação; muito comum nos estudos etnográficos; sem nenhum plano prévio, trata-se de uma conversa informal sobre o tema e pode discorrer sobre temas afins que, ocasionalmente, podem fazer parte do arcabouço informativo coletado pelos integrantes da comunidade). Uma modalidade de entrevista que vem chamando a atenção da comunidade acadêmica é a investigação coletiva ou *entrevista em grupo*, ao que os autores chamam atenção para um problema: o grupo pode apresentar conflitos de identidade coletiva, ou seja, os membros reagirem como uma entidade e produzir uma informação unívoca, inclusive quando os indivíduos respondem diferentemente às mesmas questões, quando entrevistados conjuntamente com colegas ou na individualidade e no anonimato.

Entrevista aberta não-estruturada: A entrevista aberta, com roteiro e filmada é, na verdade, um dos principais recursos para a etnografia, pois, ultrapassa a simples função de coleta instrumental de dados no sentido positivista do termo. Com uma estrutura aberta e flexível, a entrevista pode começar numa situação de total imprevisibilidade em meio a uma observação ou em contatos fortuitos com os participantes. Aqui, se deve ressaltar a sensibilidade, a atenção e a perspicácia do pesquisador em manter o foco, mas sem perder nuances importantes para o enriquecimento do trabalho de pesquisa.

Grupo Focal: Entre as entrevistas, destacamos o método multifocal ou grupo focal que, em um estudo etnográfico, é uma forma muito comum e coerente para discutir questões mais específicas do grupo; entrevista-se várias pessoas ao mesmo tempo. A entrevista multifocal tem uma estrutura razoavelmente semelhante à entrevista aberta, pois um roteiro e uma sensível mediação tornam-se necessários. Segundo Macedo (2012), o grupo deve ser organizado a partir de convites específicos a indivíduos do grupo social com *status quo* para empreender uma relevante discussão sobre problemáticas que possam enriquecer e aprofundar o trabalho de pesquisa. Teoricamente, um grupo focal se organiza em torno de uma entrevista também aberta e filmada, mas de maneira coletiva, entre seis e dez debatedores, conhecedores da realidade a ser discutida e dos conflitos ali

existentes. O pesquisador, mais uma vez, precisa ter a perspicácia de estruturar todo o roteiro do processo para o bom funcionamento de um grupo focal: desde um estudo minucioso para a escolha dos participantes até a mediação para evitar possíveis embates partidários, ideológicos ou doutrinários (MACEDO, 2012). A técnica do Grupo Focal consiste em envolver um grupo de representantes de uma determinada população na discussão de um tema previamente fixado, sob o controle de um moderador que estimulará a interação e assegurará que a discussão não extravase do tema em foco. É no contexto da interação que se espera que surjam as informações pretendidas. As entrevistas na modalidade Grupo Focal devem ser preparadas a partir das escolhas dos temas, dos participantes e dos contextos de conversação, observando detalhes para melhor aproveitamento do momento: explanação clara dos conceitos, guia da entrevista, comodidade aos participantes, assim como estímulo às falas e responsabilidade teórica e ética na escolha dos participantes. O moderador (que pode ser o pesquisador) deve estar ciente de seu papel nessa técnica de entrevista: manter o foco, respeitar os participantes, tornar-se claro nas perguntas e assegurar segurança, conforto e anonimato aos entrevistados. E, a partir das discussões, geralmente filmadas ou gravadas em áudio (com prévia autorização dos participantes), o investigador deve fazer a transcrição para posterior análise dos dados, o que pode ocorrer a partir da Análise do Conteúdo, segundo Bakhtin (2003).

A Entrevista Virtual: São muitos os tipos de entrevistas em pesquisas qualitativas em educação e seus formatos estão cada vez mais atualizados às tecnologias da contemporaneidade, o que não poderia ser diferente, vivenciando um grande *boom* desenvolvimentista em relação aos meios de comunicação, na área da comunicação imediata, TIC e afins. Portanto, é natural que as entrevistas também possam ser concebidas pelo processo da tecnologia da comunicação *online*, no ciberespaço (como as entrevistas virtuais e a *netnografia*). A pesquisa virtual nada mais é que o uso da revolução digital para efeitos de coleta/produção de dados nas ciências humanas, seja como ciberespaço, quando a busca é feita no ambiente que já existe e está em pleno funcionamento, com a realidade virtual ou a virtualidade real, no ciberespaço, ou quando essa construção deriva dos recursos tecnológicos da internet para a construção/constituição desses dados. Neste caso, os métodos qualitativos de coleta/construção dos dados da pesquisa são tradicionais, a internet funciona apenas como espaço e meio de contato entre pesquisador e pesquisado. Flick (2009) aborda três condições prévias para a pesquisa qualitativa online: 1. A familiaridade do pesquisador com o ambiente online, é preciso conhecer formas de comunicação *online*, ter acesso assegurado e gostar de estar/trabalhar *online*; 2. A temática da pesquisa precisa ser condizente com o ambiente virtual e; 3. Os participantes devem estar facilmente conectados via internet, a rede não deve ser apenas o contato, mas o ambiente e objeto de pesquisa. A partir daí, deve ser conduzida a transferência dos métodos e da pesquisa qualitativa para a internet, inclusive com métodos como a entrevista online utilizando-se dos mais diversos meios de conversação tecnológica, inclusive por e-mail. E aqui cabe um rigor extra para que não se configure como questionário online. Algumas vantagens das entrevistas online são maior anonimato, maior tempo para reflexão das respostas e facilidade de integração dos envolvidos. No entanto, estas também podem ser as maiores dificuldades para o método: o anonimato pode gerar menor interação, as reflexões demoradas podem enfraquecer a pesquisa pelo menos teor de espontaneidade e demandar mais tempo, assim como a integração dos participantes pode ser prejudicada pelos ajustes necessários a essa forma de interação: não presencial.

A etnografia virtual possibilita a adaptação do pesquisador ao ambiente pesquisado, no entanto, não desconsidera o compromisso com a pesquisa, ainda permite adaptar procedimentos e se constrói em permanente autointerrogação. São muitas e variadas as estratégias de pesquisa quando se utiliza a internet como veículo. A Etnografia Virtual traz como base local de pesquisa a internet, que se trata de lugar/veículo/meio/condição em que se processam mudanças sociais. Assim, por se configurar também território e com um agrupamento sociocultural, subentende-se que se trata de campo para a pesquisa etnográfica. A internet passa a ser vista como geradora de uma cultura

de comportamentos numa virtualidade real (ou realidade virtual?), instrumento utilizado nos confrontos “eu-outro” e na imposição de valores, também “veículo onde se processam relações e, dessas relações, emergem culturas” (GUIMARÃES; ALONSO, 2017). Se o ciberespaço é lugar onde se processam mudanças, abre-se o leque de possibilidade de pesquisas etnográficas em educação nesse território virtual, locus por excelência da interação sujeito-objeto de pesquisa. No entanto, a escola da etnografia virtual como método para a execução da pesquisa etnográfica deve ser efetivada com alto grau de sensibilidade e responsabilidade por parte do investigador, desde o acesso ao informante, até à interatividade relativa do próprio meio, fluido e inconstante. Isso não diminui a relevância de uma pesquisa em educação onde o locus seja justamente o espaço de encontro dos pesquisados. Ao permitir a interação, trocas culturais, mudanças comportamentais e o fluxo da informação, o ciberespaço se consolida como local de conhecimento, uma alavanca da transformação revolucionária e instrumento pedagógico e de ressignificação sociocultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A etnografia necessita de um total entrosamento entre investigador e o grupo social a ser investigado: é preciso adentrar-se e adensar-se aos objetos, campo e objetivos da pesquisa. É evidente também a necessidade de um amplo estudo da literatura relacionada ao tema e o foco para a análise de dados. Mas, o pesquisador deve manter a sensibilidade para os desvios necessários que a trama investigativa pode tomar, pois pode estar aí a singularidade de uma nuance interessante para o desenvolvimento do *corpus* empírico. É preciso não se desviar do fato óbvio e ambivalente de que um projeto de pesquisa visa a produção de um conhecimento e, também, por isso, precisa ser original, verdadeiro, criativo, humano. Diante do pressuposto de que a pesquisa é uma fábrica de conhecimentos e o método é o caminho que esse “produto” percorre até ser produzido, afirmamos que são inúmeros os caminhos. Surgem daí, interessantes e inovadores métodos de coletas de dados, possíveis apenas em pesquisas etnográficas. Entre os principais instrumentos de coletas de dados de uma pesquisa etnográfica, estão os objetos de pesquisa que permeiam a prática de estudo da vida ao nosso redor: conversas (entrevistas), relatos, diários de campo, história de vida, observação participante e análise de documentos, entre outros. A descrição é vital para a etnografia, portanto, o relatório etnográfico deve buscar descrever, segundo aspectos mais relevantes para o grupo participante da pesquisa, os lugares, as pessoas, as situações vivenciadas e observadas, as atitudes das pessoas no cotidiano, suas falas, narrativas coletadas através de diversos instrumentos utilizados pelo pesquisador, considerando sempre os aspectos éticos na pesquisa. A narrativa também se faz imperativa na coleta de dados e, por isso, torna-se necessário um real entrosamento entre o pesquisador e o grupo social a ser estudado. Assim, analisando os diversos exemplos de estudos qualitativos de pesquisa empírica em educação, salientamos a abrangência da etnografia. Pode-se dizer que os desenhos etnográficos são procedimentos de pesquisa qualitativa e têm como objetivos básicos perceber, descrever, analisar e interpretar padrões compartilhados de comportamento, crenças e linguagem de um determinado grupo étnico, sociocultural ou por ligação em comum, afinidade, aproximação. Esses agrupamentos culturais podem incorrer de divisas tênues como o ciberespaço, territorialidades híbridas e culturas de fronteira. Cabe ao etnógrafo rigor técnico e ético para o desenvolvimento das análises, seja de maneira realista, crítica, reflexiva, virtual ou em um estudo de caso.

REFERÊNCIAS

- AMADO, João; FERREIRA, Sónia. *A Entrevista na Investigação Educacional*. In: Manual de Investigação Qualitativa em Educação. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013.
- ANDRÉ, Marli 2000. *Apontamentos sobre pesquisa científica em educação*. UFBA, 2002.

- ANDRÉ, Marli. *O que é um estudo de caso qualitativo em educação?* Salvador: *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, v. 22, nº 40, p. 95-103, jul-dez, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BICUDO, Maria Aparecida; ESPOSITO, Vitória Helena. *Pesquisa qualitativa em educação. Um Enfoque Fenomenológico* Piracicaba: UNIMEP, 1994.
- BICUDO, Maria Aparecida V., CAPPELLETTI, I. (Orgs.). *Fenomenologia, uma visão abrangente da Educação*. São Paulo: Olho d'Água, 1999.
- CRESWELL, John Ward. *What is ethnographic research, when should you use it, and how did it develop?* 4ª.ed. My Labotariion Lab. 2009
- CRESWELL, John Ward. *Educational Research: planning, conduction anda evaluating quantitative and qualitative research*. 4 ed. Boston: 2012.
- DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1985.
- DENZIN, Norman Kent. *The Research Act*, Englewood Cliffs, N. J. Prentice Hall. 1989.
- FLICK, Uwe. (2005a), *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. 2ª. Ed. Monitor. 2009
- FLICK, Uwe. *Pesquisa Qualitativa online: a utilização da internet*. In: *Métodos de Pesquisa: Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Tradução: Joice Elias Costa. 3. Ed. Artmed-Bookman, 2009.
- FLORÊNCIO; Roberto Remígio; SANTOS, Carlos Alberto Batista; OLIVEIRA, Ana Cristina Barbosa. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Educação*. *Revista Rios Eletrônica* (UNIRIOS) ISSN 1982-0577, número 21, Paulo Afonso: 2019.
- FLORENCIO; Roberto Remígio. *Ela está no meio de nós*. Editorial. *Revista Ouricuri*. ISSN 2317-0131, volume 11, Número 1, Juazeiro: 2019.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GUIMARÃES, Maristela Abadia; ALONSO, Kária Morosov. Aracaju: *Interfaces Científicas – Educação*, v.6, nº 1, p. 13-22, outubro, 2017.
- MACEDO. Roberto Sidney. *Compreender / mediar a formação: o fundante da educação*. Brasília: Liber Livro, 2009.
- MACEDO. Roberto Sidney. *Atos de currículo / formação em ato?* Ilhéus, Editora da Universidade de Santa Cruz, 2012.
- MACEDO. Roberto Sidney. *Etnopesquisa implicada, currículo e formação*. *Espaço do Currículo*, v.5, n.1, Jun/Dez. de 2012. <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec>
- ROMANWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. *As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação*. Curitiba: *Revista Diálogo Educ*. v.6, nº 19, 2006.
- VOSGERAU, Dilmeire Sant’Anna Ramos; ROMANWSKI, Joana Paulin. *Estudos de Revisão: implicações conceituais e metodológicas*. Curitiba: *Revista Diálogo Educ*. v.14, nº 41, 2014.
